

**DANIEL E SEUS AMIGOS
DISPUTANDO
UMA PRINCESA**



MANOEL D'ALMEIDA FILHO

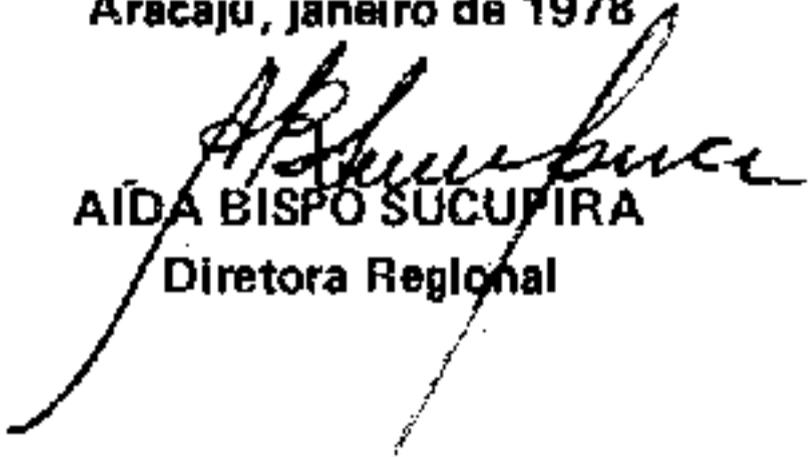
ARACAJU - 1978.

APRESENTAÇÃO

O trabalho editado é de autoria de MANOEL D'ALMEIDA FILHO, jornalista, tipógrafo, escritor e vendedor de Literatura de Cordel, que conquistou o primeiro lugar no trabalho de 32 páginas sobre Literatura de Cordel, promovido pelo SESC/DR/SE.

O tema do trabalho foi "Reino, Aventura e Mistério", e o livro conta a história de "Daniel e seus amigos disputando uma princesa", onde o Sr. Manoel D'Almeida Filho apresenta um enfoque autêntico de Literatura de Cordel. Ao publicar o presente trabalho, o SESC visa motivar e incentivar todos aqueles que apreciam este tipo de cultura popular.

Aracaju, janeiro de 1978



AÍDA BISPO SUCUPIRA
Diretora Regional

MADALHO FIEL

*DANIEL E SEUS AMIGOS
DISPUTANDO UMA PRINCESA*

No mundo desde que é mundo
Sempre aconteceram fatos
Que são escritos às vezes
Como contos ou boatos,
Entretanto, já versamos
Diversos desses relatos.

Como esse conto que lemos
Em uma revista antiga
De quatro moços que são
Fundidos na mesma liga:
– Carrega-mundo e Ventola,
Força Bruta e Pé-de-Briga.

Ainda temos um príncipe
Que transa na nossa história,
Daniel Aventureiro,
Só pensava em ter vitória,
Desde muito pequenino
Nunca temeu palmatória

No entanto, não brigava
Pois não confiava nele,
Sempre arranjava um amigo
Para batalhar por ele,
Quando o amigo ganhava,
Toda a vitória era dele.

**No reino das Sete Águias
Do rei Abderramã,
Daniel chamou o pai
Numa formosa manhã,
Abdicou a coroa
Em favor de sua irmã.**

**Daniel disse: – Papai,
Quero topar lutas duras,
Conhecer em outros reinos
Outras novas criaturas,
Novas leis , novos regimes,
Viver muitas aventuras.**

**A princesa Florentina
Não gostou da solução
Porém aceitou dizendo:
– Pode seguir meu irmão
Que na volta entregarei
A coroa em sua mão.**

**Daniel se despediu
De todos com alegria
Levando muito dinheiro,
Roupas e comidaria,
No seu famoso corcel,
Partiu nesse mesmo dia.**

**Atravessou muitos reinos
Sem ver nada diferente
Até que uma certa tarde
Teve uma visão demente,
Era uma casa sozinha
Caminhando em sua frente**

Daniel olhando a casa,
Teve medo , quis voltar,
Porém pensou que voltando
Nada sabia contar,
Para saber a verdade,
Resolveu se aproximar.

Gritou: – Que mistério é este,
Nesta região deserta?
A casa parou de vez
Que balançou a coberta,
Depois de poucos minutos
Uma porta foi aberta.

Apareceu um rapaz
Tão forte como um penedo
Que gritou aborrecido:
– É maluco ou anda azedo,
Por que assusta às pessoas,
É nervoso ou vem com medo?

Daniel disse: – Eu nem sei
Agora o que pensar disso,
Vi bem esta casa andando,
Só pode ser um enguiço,
Uma casa andar sozinha,
Será um truque ou feitiço?

O rapaz disse sorrindo:
– Não fique pisando em brasa.
Foi que eu fiz esta casinha
Na terra de Paulo Vasa,
Em seguida ele expulsou-me
Para ficar com a casa.

**Eu fiquei com muita raiva,
Resolvi na mesma hora,
Dizendo com meus botões:
— Dessa vez eu vou embora,
Pus a casa na cabeça
E saí de mundo afora.**

**Meu nome foi esquecido,
Eu me chamava Raimundo,
Na minha vida ambulante,
Entre o povo me confundo,
Carregando a casa sou
Chamado Carrega-Mundo.**

**Minha casa tem de tudo,
Faço trabalhos matutos,
Bolsas, abanios, chapéus,
Produzo os melhores frutos,
onde chego, nas cidades
Negocio os meus produtos.**

**Daniel disse: — Rapaz,
Se quiser somos amigos,
vamos andar pelo mundo
Para enfrentar os perigos,
À procura de aventuras,
Sem respeitar inimigos.**

**Carrega-Mundo aceitou
E disse: — Pode entrar moço,
Gosto muito de aventuras,
O seu plano é um colosso,
Se deite aí numa rede
Enquanto eu faço o almoço.**

Depois que os dois almoçaram,
Daniel trouxe a bagagem
Pôs num quarto e disse: — Agora,
Juntos temos mais vantagens
Para enfrentar o que houver,
Vamos seguir a viagem.

Numa argola atrás da casa
Foi o cavalo amarrado,
Com dois dias de viagem
Num terreno salinado
Foi visto um rastro de gente
Com um pé agigantado,

Com cinco léguas havia
Outro rastro mais perfeito,
Agora, do pé esquerdo,
Causando um tremendo efeito
Nos viajantes que tinham
Já visto o do pé direito

Para um exame melhor,
Pararam a casa transporte,
Sairam olhando o terreno,
Quando ouviram um grito forte
Lá das alturas dizendo:
— Um susto assim é de morte!

Quase assombrados olharam
Para todos os lugares,
Quando olharam para cima,
Viram um monstro lá nos ares
Mais ou menos na altura
De um prédio de cem andares.

Daniel disse gritando:

– Quem és com esse tamanho,
Para que serves no mundo,
Com esse formato estranho?
Disse o monstro: – Acabo tudo
No mundo quando me assanho!

Só porque produzo ventos
Que se viram em tempestades,
Sou chamado de Ventola,
O rei das calamidades,
Cumprindo ordem do Alto.
Liquidei várias cidades.

Não tenho nenhuma culpa,
Foi Deus quem me fez assim,
Ajudo as pessoas boas
Quando precisam de mim
E também tenho a missão
De acabar com gente ruim.

Vivo com a força astral,
Sem ter alimentação,
Sou eu que transformo o ar,
Que produz o furacão,
Quando sopro para baixo
Reviro tudo no chão.

Também quando puxo o ar,
Somente por uma venta,
O que tem na terra sobe
Porque ninguém não sustenta,
Aqui nos ares se vira
Numa fumaça cinzenta.

Respondam se são amigos
E se querem minha ajuda,
Eu fico à disposição,
Para vocês nada muda,
Caso contrário na terra
Não tem força que os acuda.

Daniel, por eles dois,
Respondeu em alta voz:
— Ficamos muito contentes
Porque não estamos sós,
Agora também responda
O que precisa de nós.

O monstro disse: — Eu preciso
Que usem bem a cachola,
Cumpram com os seus deveres
Que o Pai do Céu se consola
E precisando de mim,
É só chamar por Ventola

Os dois amigos seguiram,
Pelas cidades passando ,
Agora mais confiantes,
Nas praças negociando,
E todos os dias vendo
Ventola os acompanhando.

Viram numa região
Deserta uma coisa estranha,
Era um homem musculoso,
Parecendo uma montanha,
Quebrando pedras de murros
Como se fosse castanha.

Daniel lhe perguntou:

– Por que faz esse pagode?

O homem lhe respondeu:

– Comigo não se incomode,

Estou expelindo a força

Senão o meu corpo explode.

Tenho uma força nos músculos

Tão grande de tal maneira

Que preciso todo mês

Procurar uma pedreira

E passar quebrando pedras

De murro a semana inteira.

Porisso uma vez por outra

Eu venho aqui nessa gruta

Para relachar os nervos,

Quebro pedra e como fruta,

O povo que me conhece,

Me chama por Força-Bruta.

Daniel lhe disse: – Agora,

Se quiser, meu camarada,

Venha viajar conosco,

Deixe essa vida arriscada,

Entre aqui na nossa casa,

Que não lhe faltará nada.

Logo aceitando o convite,

Força-Bruta disse: – Bem,

Eu vou seguir com vocês

Mas trabalhando também,

No caso de fazer força,

Não perco para ninguém.

Sendo aceita a condição,
Seguiram a nova jornada
E Ventola lá de cima
Vigiava a caminhada,
Quando andavam cinco léguas
Ele dava uma passada.

Chegaram numa cidade,
Existia um valentão,
Já tinha deixado uns vinte
Espalhados pelo chão,
Continuava brigando,
Não se entregava à prisão

Daniel foi perguntar
O que estava acontecendo,
Com tanta gente ferida,
Um velho disse: — Está vendo?
Esse pobre é perseguido,
Só está se defendendo.

Porque é forte e valente,
Todo mundo quer batê-lo,
Juntam-se trinta, quarenta,
Esperando derretê-lo,
Termina tudo apanhando,
Pois ninguém pode vencê-lo.

É um rapaz muito bom
Porém o povo o obriga
A defender sua vida,
Contra fuxico e intriga,
Por isso , nessa cidade,
É chamado Pé-de-Briga.

Daniel disse: – Meu povo,
Para acabar o perigo
A desavença, o barulho,
Eu levo o rapaz comigo,
É claro, se ele quiser
A proteção de um amigo

Um exaltado gritou,
Parecendo até contente:
– Pode levar essa peste
Que só faz bater na gente,
Quem recebe um murro dela
Ou morre ou fica doente.

Pé-de-Briga respondeu:
– Esse povo é muito ruim,
Não me quer deixar em paz,
Só com inveja de mim
Não tenho culpa se Deus
Me fez corajoso assim.

Saio, não levo saudade,
Pode ficar certo, amigo
Abandono a minha terra
Para viajar consigo
Estou pronto a defendê-lo
De todo e qualquer perigo.

Agora, os quatro na casa,
Seguiram por nova trilha,
Com cinco meses chegaram
No reino da Maravilha
Onde havia uma disputa
Para o rei casar a filha.

O rei Augusto Terreiro,
Parecendo ser "biruta",
Organizou um torneio
Com três provas na disputa
E apresentou como prêmio
A sua filha impoluta.

Então , a primeira prova
Era enfrentar um gigante
Em uma queda de braço,
O monstro era tão possante
Que somente com um dedo
Derribava um elefante.

A segunda prova era
Enfrentar um japonês,
Numa luta corpo-a-corpo,
Que tanto na rapidez,
Como na força vencia
Vinte homens de uma vez.

Porém, a terceira prova
Era sobrenatural,
Havia de ser mostrado
Um fato fenomenal
Que deixasse em pandemônio
Toda a família real.

O rei dizia sorrindo
Ninguém fura o meu segredo,
Só casa com a princesa
Quem penetrar meu enredo,
Apresentando um fenômeno
Que me faça sentir medo.

A princesa Margarita
Lembrando a prova terceira,
Achava ser impossível,
Dizia dessa maneira:
— Assim não me caso nunca
Nem vou achar quem me queira.

Papai com esse torneio
Só faz uma palhaçada
Pois para lhe fazer medo
Ninguém pode mostrar nada,
O resultado no fim
É eu ficar encailhada.

Entretanto, o rei pensava:
— Ninguém me pode vencer,
Se alguém mostrar uma coisa
Que me faça estremecer,
Eu digo: — Não sinto medo,
Quem vai me contradizer?

Ofereceu no torneio
Liberdade absoluta,
Mais de trezentos rapazes
Chegaram para a disputa
Verdadeiros campeões
Fariam parte da luta.

Por uma lei assinada,
Quem não confiasse nele,
Podia mandar um outro
Vencer as provas por ele
Ou mesmo dois ou tres outros
Porém o prêmio era dela.

Também esse candidato
Pela lei era obrigado,
Se os seus protegido não
Fizessem o seu mandado,
Pagando o mal feito aos outros,
Seria morto enforcado.

Daniel também estava
Inscrito entre os candidatos
Os seus amigos ficaram
Somente aguardando os fatos
Passeando na cidade
Observando os boatos.

Só ventola não podia
Mais de perto observar
O movimento da festa,
Ficou de cima a olhar
Para se necessitasse
Fazer o mundo virar.

Tudo pronto, tudo certo,
Como o rei organizou,
Os candidatos presentes,
Quando a princesa chegou,
Em uma mesa de pedra,
O torneio começou.

Porém na queda de braço
O gigante era atrevido,
Só se via candidato
Sair de braço partido,
Também uma grande parte
Já havia desistido.

Força-Bruta disse: – Eu vou
Mostrar logo a minha graça,
Evitar que esse bandido
Pratique a maior desgraça
Deixando tanto aleijado
Pedindo esmola na praça

Apresentou-se dizendo:
– A minha vez é agora,
Pode preparar a força
Porque chegou sua hora,
Só quero experimentar
Se o seu braço não se tora.

O gigante disse: – Amigo,
Você é muito teimoso,
Força-Bruta responde:
– E você, um criminoso,
Ninguém sabia dos dois
Qual era o mais musculoso.

Os braços foram cruzados,
As duas mãos levantadas,
Unidas pelo juiz,
Completamente agarradas,
A prova teve começo
Com as forças conjugadas.

Começaram a fazer força ,
Cada um para o seu lado,
Com duas horas depois
Não havia resultado,
Só parecia um velório
Com todo mundo calado.

Nesse tempo começaram
Os braços estremeando,
Para um lado ou para o outro,
De vez em quando pendendo,
Agora o povo acordou
Pelos dois heróis torcendo.

No grito do pessoal,
Numa reação estranha,
O gigante disse: — Agora,
Bandido, você apanha,
Força-Bruta disse: — Eu quero
Ver como você me ganha!

Quando o gigante fez força,
Foi ouvido um grande estouro
A calça dele explodiu
Voando tacos de couro,
O vento subiu queimando
Dos quadris ao cabelouro

Força-Bruta disse: — Pronto!
A sua calça rasgou-se,
No pipoco do “pneu”,
O ar todo evaporou-se,
A barriga ficou murcha
E a sua força acabou-se.

O gigante respondeu:
— Ainda estou muito bem,
Eu vou botar toda a força
E você bote também;
Porque quando eu arrastar
O seu braço ou quebra ou vem.

Fôrça-Bruta retrucou:

**– Para mim você perdeu,
Os braços que já quebrou
Há de pagar com o seu,
Sua força é muito pouca
Para arrebentar o meu.**

**Nisso o gigante fez força
Como derradeiro alento,
Sentiu o braço partir-se,
Deu um grito violento,
Depois caiu desmaiado,
Não suportando o tormento.**

**Numa cama hospitalar
Foi carregado o vencido
Agora pelos presentes
O heroi foi aplaudido
Que chamando Daniel
Deu-lhe o troféu recebido.**

**Assim que a princesa viu
Vencido o ponto primeiro,
Saiu do trono correndo,
Empurrou um conselheiro,
Perante a corte abraçou
Daniel Aventureiro.**

**Depois de beijá-lo disse:
– Temo pela tua sorte,
És toda a minha esperança,
Precisas ser muito forte,
Não vencendo as outras provas
Irás pagar com a morte.**

Há uma prova impossível
A qual deves desistir
Enquanto é tempo porque
Não farás meu pai sorrir,
Ele se serve de mim
Só para se divertir.

Daniel disse: — Princesa,
Tudo na vida é possível,
Sai que a derradeira prova
Tem um efeito terrível.
Porém quando Deus ajuda
Nada será impossível.

A princesa ainda disse:
— Eu te adoro, moço nobre,
És o pão da minha vida,
Ainda que sejas pobre,
Contigo eu serei a mais
Feliz que a luz do Sol cobre.

Daniel disse: — Não temas,
A missão será cumprida,
Porque com os meus amigos
A luta será vencida,
Para que sejas um sol,
Nos campos da minha vida.

O rei levantou-se e disse:
— Vamos parar a zuada,
Princesa tome seu canto,
Não seja mal educada,
Porque quero que a segunda
Prova seja começada.

Na segunda prova só,
Como honra da conduta,
Havia cem candidatos,
O resto fugiu da luta,
Uns com os braços quebrados,
Outros temendo à disputa.

Era a vez do japonês
Que parecia de moia,
Rodava como um pião,
Pulava como uma bola,
Daniel pensou consigo:
Para aquele só Ventola.

Porém enquanto esperava
Que chegasse a sua vez,
Pé-de-Briga observava
Às gingas do japonês
Que vencia os concorrentes,
Na força e na rapidez.

Dava pulos de dez metros
Quando virava nos ares
Caía em cima das vítimas.
Sem escolher os lugares.
Quebrava pescoços, braços.
Pernas, pés e calcanharas.

Com uma hora de luta,
Pé-de-Briga fez um gesto
Com a mão dizendo assim:
— Quero lançar meu protesto
Em favor dos candidatos
Para se salvar o resto.

É uma batalha inglória,
Sem nenhuma precisão,
Para esses pobres coitados,
Sem treino nem instrução
É mesmo que jogar pintos
No bico de um gavião.

O japonês disse: — Então,
Caia dentro da arena
Para salvar seus amigos,
Já que diz ter tanta pena
Quero ver se você dá
Para fazer uma cena!

Pé-de-Briga disse: — Agora,
A batalha vai ser boa,
Não pense, cabra safado,
Que fala com gente à toa,
Vou mostrar com quantos paus
Se fabrica uma canoa.

Pulou dentro da arena
Em cima do japonês
Que deu um pulo de banda
Com tremenda rapidez,
Porém Pé-de-Briga estava
Em cima dele outra vez.

O japonês encolheu-se
Para se desgrudar dête,
Deu outro pulo e subiu,
Pé-de-Briga foi com ele
Deu-lhe um ponta-pé nos ares
E caiu grudado nele.

O japonês levantou-se,
Jogou longe Pé-de-Briga,
Quando virou-se levou
Um ponta-pé na barriga,
Mais outro no baixo-ventre
Que quase estoura a bexiga.

Foi aí que o japonês
Viu que mudou sua sorte,
Porque tinha pela frente
Um lutador muito forte,
Para decidir a prova
Numa batalha de morte.

Partiu para Pé-de-Briga
Para fazer-lhe a caveira,
Foi por cima e deu por baixo
Uma tremenda rasteira
Porém recebeu de volta
Um ponta-pé na traseira.

Com o ponta-pé voou
Por cima do pessoal,
Caiu nos pés da princesa
Lá na tribuna real,
Pé-de-Briga disse: – Volte,
Não quero lhe fazer mal.

O japonês levantou-se,
Totalmente amalucado,
Pulou como um furacão,
Pé-de-Briga descuidado
Levou uma cabeçada
Que caiu escangalhado.

Na queda de Pé-de-Briga,
O japonês animou-se,
Com a rapidez da luz
Pulou em cima e montou-se,
O rei bateu palma e disse:
- O Pé-de-Briga acabou-se.

Porém é que Pé-de-Briga,
Fazendo força encolheu-se,
Deu um balão que o japonês
De nascer arrependeu-se,
Porque com mais de dez metros
Sobre a poeira estendeu-se.

Quando tentou levantar-se,
Recebeu outro balão
Que subiu como um foguete
E desceu como um mamão,
De cabeça para baixo,
Esborrachou-se no chão.

O crânio do japonês,
Como se fosse uma viga,
Entrou pelo corpo adentro
Que foi parar na barriga,
O povo todo irrompeu
Dando viva a Pé-de-Briga.

Margarita vendo aquilo,
Aproveitou o ensejo,
Correu para Daniel
Deu-lhe um abraço e um beijo
Dizendo: - Agora só falta
Meu derradeiro desejo.

O rei disse: — Margarita,
O seu desejo é perdido,
Por que perdeu a vergonha,
Beijando um desconhecido?
Ela respondeu: Porque
Ele vai ser meu marido!

O rei retrucou: — Coitada,
Nem sabe do meu segredo,
Esse rapaz morrerá
Logo amanhã muito cedo,
O que ele pode mostrar
Para me fazer ter medo?

Ela respondeu: — Não sei,
Só sei que sem ele eu morro
Porém creio que ele vai
Fazê-lo pedir socorro,
Frio, tremendo de medo,
A porco, gato e cachorro.

O rei deu uma gargalhada
Que fez tudo estremecer,
Nas cadeiras da tribuna,
Dizendo: — Eu só quero é ver
O que é que ele vai mostrar
Para me fazer tremer.

Daniel disse: — Pois bem,
Eu vou furar seu segredo,
Pode ir para o seu palácio,
Espere amanhã bem cedo,
Vou mostrar a coisa que
O fará tremer de medo.

O rei então recolheu-se
Ao seu palácio real,
Daniel deixou a rua
Num passeio natural
Para acertar com Ventola
A "coisa" fenomenal.

Solicitado, Ventola
Respondeu: — Diga o que quer,
De acordo o que prometi,
Faço o que você quiser,
Daniel disse: — Em começo,
Só um pequeno mister.

Quero que o amigo faça
Desabar um furacão
Que jogue todo o telhado
Do palacete no chão
Porém isso que não seja
Ferida a população.

Cinco horas da manhã
Começou a ventania,
As janelas estalavam,
O telhado sacudia,
As paredes balançavam,
A casa toda gemia.

Os habitantes corriam,
Damas, criados, vassalos,
Pedindo misericórdia,
Ouvindo os grandes estalos,
O rei se fazia forte
Para tentar acalmá-los.

Gritava: — Isso não parece
Nada sobre-natural,
É coisa da natureza,
Um pequeno vendaval,
Que não pode causar medo
Numa família real.

A princesa disse: — Pai,
Não tenha a mente teimosa,
Lembre-se que Daniel,
Na proposta corajosa,
Disse que mostrava hoje
A “coisa” misteriosa.

É a derradeira prova,
Conforme a lei assegura,
Daniel está mostrando
O que assombra a criatura,
Confesse que sente medo
E deixa de cara-dura.

O rei disse: — Nem me fale
Em coisa de assombração,
Não acredito em castigo
Nem fantasma nem visão,
Eu morro e não tenho medo,
Não sofro do coração.

Nesse momento o telhado
Do palácio balançou,
Como o mundo se acabando,
Deu um estalo e voou,
Foi cair lá num deserto,
Porém a ninguém matou.

Abandonaram o palácio
Criados, damas, vassallos,
Também princesa e rainha
Correram ouvindo os estalos,
Só o rei ficou sozinho
Sem ter medo dos abalos.

Nesse instante começou
Um vento forte soprando
Para dentro do palácio,
O rei sentado agüentando
Porém dentro em pouco viu
Os móveis se rebolando.

Panelas, pratos, talheres,
Abandonaram a cozinha,
A mesa do escritório
Saiu andando sozinha,
Um sofá meteu a cara
Na porta da camarinha.

Porém topou numa cama
Que na hora ia fugindo,
Com um guarda-roupa atrás,
Que também vinha saindo,
Com o choque da batida,
Terminaram se ferindo.

Os outros móveis também,
Pareciam flutuando,
Se batendo uns com os outros,
Nas pancadas se quebrando,
Alguns ficavam agarrados,
Como que estavam dançando.

O rei saiu à sacada
Dizendo: – Não há perigo,
É somente um vento tolo
Da parte do inimigo,
Não tenha medo, meu povo,
Porque Deus está comigo.

A princesa lá da rua
Disse: – Pai nem fale Nele
O senhor hoje não pode
Ter mais a proteção dEle,
Como Deus está consigo
Se o senhor não está com Ele?

Nesse momento Ventola
A conversa estava ouvindo
Para fazer medo ao rei
Tapou uma venta rindo
Puxou o ar para cima,
O palácio foi subindo.

Quando o rei viu o palácio
Se despregando do chão,
Olhou para os quatro cantos,
Gritou à população:
– Adeus, meu querido povo,
Vou morar na amplidão.

Porém ouviu uma voz
Dizer: – Ninguém o socorre,
Vou soltá-lo com mil metros,
Da morte você não corre,
Quando se bater no chão
Até mesmo a alma morre.

A não ser que o meu amigo
Queira se dá por vencido,
Pois quem tem vida tem medo,
É fato reconhecido,
Senão entregar os pontos
Não pode se julgar perdido.

O rei ainda gritou:
- Quem é você que me fala?
Ventola disse: - Eu sou quem
Todo o Universo abala,
Quando dou um sopro forte,
Uma cidade se cala.

Tenho vida permanente,
Não fui nascido nem morro,
Vivo castigando os maus,
Aos bons dando socorro,
Nisso tenho carta branca,
Nenhum perigo não corro.

O rei olhou para baixo
Viu o palácio subindo,
Pouco a pouco se afastando,
As casas diminuindo,
Os gritos do pessoal
Não estava mais ouvindo .

Assim, já não suportando
Mais a pressão do terror,
Gritou: - Me faça descer,
Por Deus-Pai, o Criador,
Estou sendo atravessado
Pelos punhais do pavor.

**Ventola disse zombando:
— Acabou-se o seu segredo,
Não engana mais ninguém,
Dizendo ser um rochedo,
Quero saber a verdade,
Responda se está com medo?**

**O rei disse: — Por Jesus,
Por Maria Concebida,
Não me sustento nas pernas,
Se não for logo a descida,
Talvez que sejam partidos
Os fios da minha vida.**

**Ventola disse: — Porém
Preciso ainda saber
Se você de agora em diante
Vai cumprir com seu dever,
Ser honesto, justo e bom,
No que precisar fazer.**

**Precisa ser mais humano
Com o povo da pobreza,
Dá para os necessitados,
Terem mais carne na mesa,
A metade, mais ou menos,
Da sua grande riqueza.**

**Para todos os escravos
Precisa ser mais amigo,
Dando a sua liberdade
Para cessar o castigo,
Caso contrário depois
Terá que se ter comigo.**

Tem mais, você necessita,
Se não quiser beber fel,
Cumprir a lei do torneio
Ser totalmente fiel,
Entregar a sua filha
Como prêmio a Daniel.

O rei disse: — Entrego tudo,
Minha lei será cumprida,
Como já disse o que quer,
Apreste logo a descida,
Eu só quero é ficar vivo,
Recabendo o ar da vida.

Ventola disse: — Está certo,
O que falei vou cumprir,
Vou baixá-lo com cuidado
Para você não cair,
Salvo se o vento escapar
E o palácio escapolar.

O rei gritou assombrado:
— Não me faça essa desgraça
Se eu for largado daqui
Vou me esborrachar na praça,
Ventola disse: — Não tema,
Isso foi só uma graça.

Nisso Ventola soltou
Um pouco de ar da venta
O Palácio deu um tombo,
Como que numa tormenta,
O rei gritou:

— Assim você me arreventa!

Com medo

Pouco a pouco foi descendo,
O sofrido rei Augusto,
Ventola soltando aos poucos,
Surtentando a muito custo,
Quando dava qualquer tombo
O rei tinha o maior susto.

Até que topou na terra,
O lugar estremeceu,
Vendo o palácio pousado,
O povo todo correu
Para saudar o seu rei
Que chorando agradeceu.

Damas, criados, vassalos,
Com a rainha correram,
Penetraram no palácio,
Abraçando o rei, tremaram,
Margarita e Daniel
Quase não se aperceberam.

Porque estavam abraçados,
Vivendo o sonho dos beijos,
Vendo as estrelas da mente,
Soltando lindos lampejos,
Onde o amor pelos lábios
Bebe o vinho dos desejos.

Somente quando acordaram
Desse beijo perceberam
A novidade na praça
Para o palácio correram
Entre abraço, choro e riso,
Lá todos os receberam.

O rei disse: — Estou vencido,
Não tenho mais argumento,
Quase que morro de medo
Nas plagas do firmamento,
Agora só falta dar
Ao meu dever cumprimento.

Você, Daniel, venceu,
Cumprindo com seu dever,
As três provas do torneio
Falta o prêmio receber
Aí está Margarita,
Veja se pode valer...

Daniel respondeu: Vale
Tudo na vida de bem,
Preciso saber somente
Se ela me aceita também,
A princesa disse: Aceito,
Os anjos que digam amém.

O palácio descoberto,
O rei mandou-o consertar,
Para a festa do noivado
Toda a cidade enfeitar,
Os fidalgos de outros reinos
Depois mandou convidar.

Deu liberdade aos escravos,
Auxiliou à pobreza,
Gastou ajudando o povo
Muito da sua riqueza,
Satisfazendo a Ventola,
O filho da natureza.

**Chegados os convidados,
Dentro da festividade,
Os noivos foram casados
Na catedral da cidade,
A festa durou dez dias
Na corte da magestade.**

**Daniel e seus amigos
Dançaram muito e beberam ,
Queremos dizer os tres
Que à festa compareceram,
No fim uma recompensa
De Daniel receberam.**

**Somente Ventola não
Quis dela receber nada,
Fez a sua despedida,
Soltando uma trovoada
E de cinco em cinco léguas
Saiu dando uma passada.**

**Daniel com a princesa
Foi em belos animais
Passar a lua-de-mel
Lá no reino dos seus pais
Aonde ficou morando
E cá não voltou jamais.**

**A vida tem dessas coisas,
Luta quem sabe lutar
Mesmo sendo pelos outros
Espera sempre ganhar,
Isso se concretizou
Daniel foi quem ganhou
A princesa, sem brigar.**

FIM

ESTA PUBLICAÇÃO FOI DIAGRAMADA, COMPOSTA,
FOTOGRAFADA E IMPRESSA NAS OFICINAS DA
SERCORE - ARTES GRÁFICAS LTDA.
Av. Carlos Burlamaqui, 514 / 522
TEL. : 222-4418 / 222-4448
ARACAJU - SE